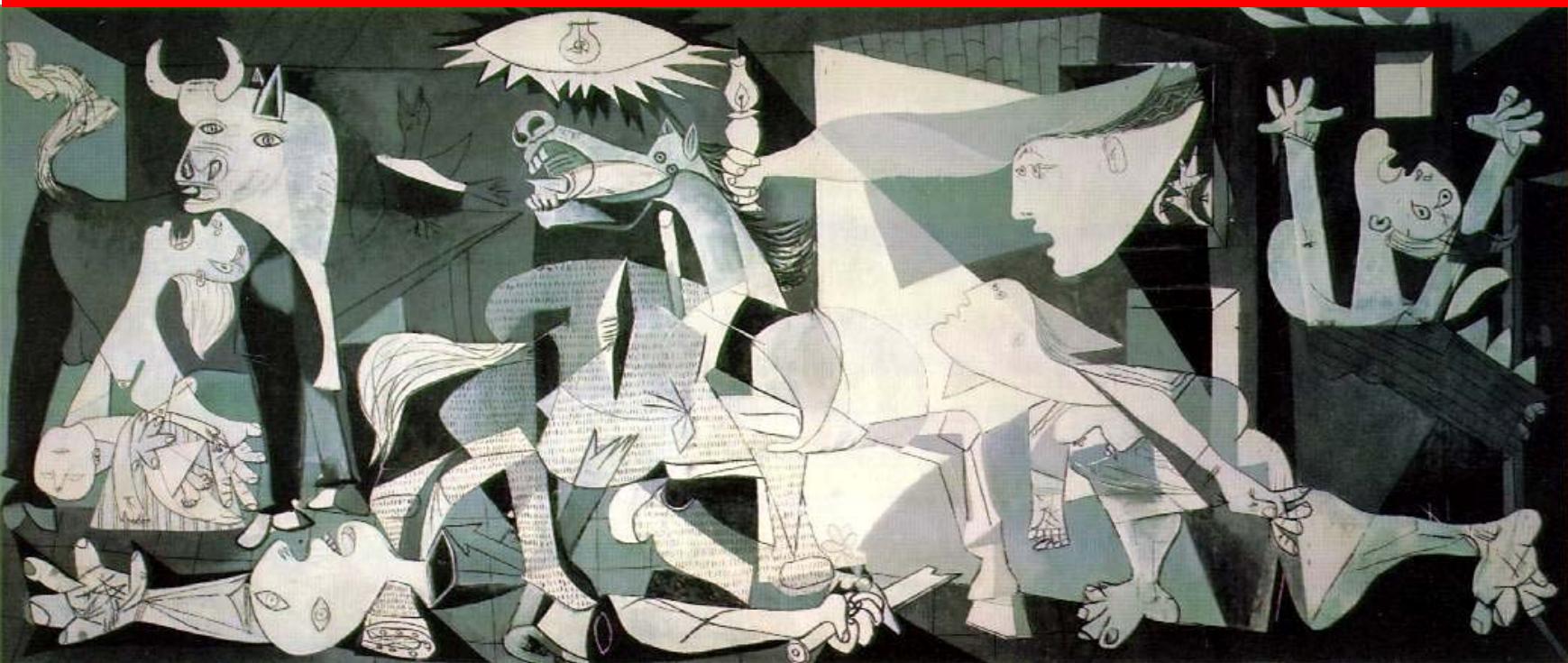


Editorial

## “Não, foram vocês!”

Jorge Nóvoa, Cristiane Nova e Soleni Fressato



*A arte é uma mentira que nos faz perceber a verdade*  
(Pablo Picasso)

Dia 26 de abril de 1937, uma segunda-feira, dia de feira livre. Os camponeses do vale de Guernica, na Espanha, traziam seus produtos para serem comercializados na pequena cidade de Biscaia. As ruas estreitas estavam repletas de pessoas. De repente os aviões nazistas da Legião Condor sobrevoaram a indefesa cidade e, inesperadamente, durante mais de duas horas, atacaram com bombas e rajadas de metralhadora. Saldo final: mais de 2.000 pessoas mortas e feridas. 40% da população estávamos mortas.

Perplexo e indignado, Pablo Picasso (Málaga, Espanha, 1881 – Paris, França, 1973) resolveu produzir uma obra sobre o fato. Em pouquíssimo tempo, no seu estúdio em Paris, a tela foi concebida e executada. Pronta, *Guernica* se tornaria sua obra mais séria e mais forte! Sua exposição ocorreu pela primeira vez, em junho de 1937, apenas 2 meses após o massacre, na Exposição Internacional de Paris. Somente as cores, tons escuros e severos, e a dimensão, 3,50 metros de altura por 7,82 metros de largura, já revelariam a fúria de Picasso. Mas, só isto não foi o suficiente. O pintor, um dos precursores do cubismo, resolveu denunciar todo o horror do momento enfatizando as expressões agonizantes. É impossível não ficar comovido com a cena da mãe gritando (simbolizada pela língua que sugere um punhal) ao segurar seu filho morto nos braços! Ou ainda, pela agonia do

cavalo. Camponeses, mulheres, crianças, animais, todos indefesos frente ao bombardeio ordenado por Franco. Acima, a lâmpada também parece gritar de horror: a mesma tecnologia que pode beneficiar, também pode destruir a humanidade. Quanta potência destrutiva numa bomba! Luzes e calor, energias para a morte! “Viva la muerte!” Gritaram os franquistas. Curioso grito de homens e mulheres que habitaram o mesmo solo de Unamuno, de Lorca, de Velásquez. Cervantes não conseguiria bajula-los! Do lado direito do quadro, uma pessoa ergue os braços como se quisesse deter as bombas, ou ainda, pedir clemência. Picasso faz uma referência explícita ao *Os fuzilamentos de 3 de maio de 1808*, quadro pintado por Goya sobre a invasão do exército de Napoleão que executou centenas, milhares de inocentes, durante sua ocupação da Espanha. A pintura de Goya é uma das imagens que melhor expressa a desumanidade do homem para com o homem. Mais ao centro, na parte inferior, surpreendentemente surge uma delicada flor: em meio a tanto horror e agonia, ela simboliza a esperança de que a vida sempre triunfará.

Consta que, durante a ocupação alemã na França, os oficiais da força aérea irromperam no ateliê de Picasso e pararam em frente de *Guernica*, perguntando se havia sido ele que tinha feito “aquilo”, provavelmente com certo tom de desdém por sua arte cubista. Picasso,



irreverentemente, respondeu: "Não, foram vocês!"

Picasso, engajado política e moralmente na causa republicana e antifascista, utilizou sua arte como forma de denúncia. *Guernica*, com seus rostos agonizantes e apavorados, é uma denúncia das mortes perpetradas e que destruíram a Espanha durante a Guerra Civil. É uma denúncia da permanência da desumanidade do homem. É uma denúncia dos atos de brutalidade selvagem contra pessoas inocentes. Ao denunciar, além de buscar conscientizar sobre os fatos que assolam o mundo, o artista também busca impedir que fatos semelhantes ocorram no futuro. Que melhor inspiração serviria ao historiador?

A Revista *O Olho da História* ao trazer à público mais uma vez um dossiê especial dedicado à *revolução, contra-revolução e guerra na Espanha*, com documentos (escritos e imagéticos) de época e, dentre outros, um texto de Pierre Broué (um dos maiores historiadores da revolução e guerra de Espanha), rememora os fatos acontecidos entre 1936-1939 e denuncia, novamente, as atrocidades que assolaram toda uma geração. Acreditamos na utilidade de possibilitar uma reflexão, não apenas sobre os horrores, mas também sobre a política e sobre os grandes momentos do século XX. Se muitos artistas, em determinadas circunstâncias de suas existências, se auto-atribuem a missão de revelar a verdade sobre tais fenômenos, diferente não pôde ser a atitude de muitos historiadores, nem diferente será a de uma revista como *O Olho da História*.

E assim, a memória se mantém viva. Ela alimenta e estimula

a história-ciência, mesmo quando causa confusão, imprecisão. Se a memória não é história-conhecimento, esta não pode sobreviver sem aquela, sem os elementos do seu desejo. Louis Gill, economista quebequense, não conseguiu se impedir de escrever *George Orwell da Guerra Civil Espanhola a 1984* e nele conseguiu colher o leitmotiv que explicou a criação do maior romance de ficção política de todos os tempos: a destruição da memória, do conhecimento da história imediata através de sua manipulação naqueles anos terríveis. Quando stalinistas, fascistas, nazistas se juntam aos franquistas contra a República espanhola, não era ela que estava visada. Necessitavam conjurar o fantasma da revolução. Mas apesar de estar sujeita às manipulações as mais diversas, ela brota também com força inevitável porque só ela esclarece, conscientiza e pode evitar fatos semelhantes na contemporaneidade. Pão, terra, trabalho e solidariedade internacional, são palavras que encerram reivindicações e valores éticos mais que humanistas e que são de uma atualidade gritante como em *Guernica*. Até quando teremos que viver tais horrores? De New York à Bagdá, de México a Moscou, do Rio de Janeiro a Tóquio, não cabem soluções totalitárias, mesmo se elas não possam ser senão totalizantes a partir de suas mais intrínsecas especificidades. Se o grito de horror e de morte parecia ter dado aos adeptos de um totalitarismo à moda espanhola uma vitória definitiva, hoje, em muitos campos, inclusive naquele respectivo à construção de lugares de memória e à reconstrução da história, mostra o pequeno fôlego da memória e da história oficial de todas aquelas forças que selaram aquele horrendo pacto de morte. Elas, não passaram e "não passarão"!

